

Paulo Henriques Britto

### SCHERZO

Ontem à noite, eu e você,  
em plena cumplicidade  
em vez de fechar as janelas  
como todo mundo faz  
deixamos as nossas abertas  
só pra ver o que ia dar.

Deu nisso:  
varreu as ruas um vento  
saído de nossas janelas,  
de dentro de nossas gavetas  
onde nós há tanto tempo  
guardávamos tempestades  
pra algum dia especial  
(que acabou sendo ontem).  
O vento levou pedaços  
de céu que atravancavam  
nossos sóbrios conjugados;  
enormes nuvens incômodas  
rolaram janela afora  
feito lerdos paquidermes  
e se esparramaram a valer.  
O ar fresco inesperado

de nossos apartamentos  
causou transtornos na rua:  
os transeuntes, coitados,  
tossiam intoxicados  
por excesso de oxigênio;  
cambaleavam às tontas  
pelas calçadas vazias.

Fui eu o primeiro a jogar  
em baldes pela janela  
a água clara que jorrava  
de fontes desconhecidas  
em áreas inexploradas  
sob a cama e atrás do armário,  
mas foi você quem soltou  
do alto do oitavo andar  
as primeiras plantas aquáticas,  
os peixes, répteis e aves;  
eu, porém, instituí  
o pelo e o viviparismo  
dos mamíferos essenciais.

E como as ruas já estavam  
inteiramente povoadas,  
e como já os postes da Light  
todos tinham evoluído  
em árvores colossais,  
e como ainda não eram  
nem três horas da manhã  
e já estava terminado  
o grosso da Criação,  
descemos até a rua  
em busca de um bar aberto.  
No primeiro que encontramos  
nossos milagres caseiros  
eram o assunto geral;  
e nós, sedentos e incógnitos,  
pedimos duas cervejas  
e ficamos contemplando  
sem espanto nem orgulho

a grama tenra e miúda  
que brotava a nossos pés.

*(Liturgia da matéria, 1982)*

## UMA LENDA

Os formulários foram todos preenchidos  
em sete vias, todas elas registradas.  
As testemunhas rubricaram cada página.

Ninguém podia imaginar as consequências.  
Todas as partes envolvidas concordavam  
que não se havia omitido nenhum trâmite.

No céu, as nuvens prometiam chuva forte,  
contrariando as previsões oficiais.  
Alguém notou que parecia haver mais pássaros

que de costume, ou eram os pássaros de sempre  
anormalmente alvoroçados nessa tarde.  
Ninguém achava que pudesse haver um vínculo

entre dois planos tão diversos — só que havia,  
como depois ficou bem claro. Mas na hora  
só se pensava em lucros, projeções, alvíssaras.

Pois bem. Naquela noite, todos nós dormimos  
o sono não direi dos justos, mas daqueles  
que examinaram com cuidado cada cláusula

e consultaram os oráculos devidos  
e só depois é que assinaram nas lacunas.  
Mas na manhã seguinte as coisas complicaram-se.

Uma neblina indevassável impedia  
que se enxergasse o outro lado da avenida.  
Alguma coisa acontecera com as árvores,

pois não havia folha alguma em galho algum.

Antes das nove já tocavam os telefones.  
Inicialmente eram consultas, vagas dúvidas;

depois, reclamações, protestos veementes;  
por fim, imprecações, insultos, ameaças.  
E uma pedrada na vidraça foi o símbolo

mais que concreto do que havia de ocorrer.  
Em desespero, enviamos cinco faxes  
ao Grande Templo, e a resposta foi o silêncio.

Do céu caía não exatamente chuva,  
mas mesmo assim nos pareceu que o mais prudente  
era entregar aos deuses e à equipe jurídica

o que restasse do nosso empreendimento,  
e abandonar a sede enquanto havia tempo.  
Como nas ruas não passavam mais veículos,

saímos pelos fundos, armados, a pé,  
com a intenção de escapulir pela fronteira.  
Porém a menos de cem metros do edifício

nos capturaram com a maior facilidade  
e nos levaram à pirâmide mais próxima.  
O altar, o fogo, a faca, o sacerdote e o público  
já estavam todos prontos para o sacrifício.

*(Formas do nada, 2012)*